

Bresser critica Baker e acusa radicais do País

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O ministro Bresser Pereira proclamou o fracasso do Plano Baker — para solução da crise da dívida mundial — e disse que existem alguns grupos radicais no Brasil que não querem a plena reintegração do País no sistema econômico internacional. Bresser, entretanto, ressaltou que “seria ingenuidade supor que a atuação desses grupos é que impede a aproximação do governo brasileiro com seus credores externos”.

Logo depois de Bresser, quem falou foi o próprio James Baker III, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, que defendeu o plano criado por ele há dois anos, em Seul. Baker, no entanto, afirmou que deixava seu plano “aberto às novas idéias”.

Este choque retórico aconteceu ontem, durante a sessão matinal da Reunião Anual do FMI e do Banco Mundial, reunindo representantes de 151 países e centenas de banqueiros no amplo salão de 4 mil cadeiras do Hotel Sheraton/Washington. Os radicais brasileiros permaneceram misteriosos, sem que fossem identificados pelo ministro nem na entrevista concedida depois a jornais e TVs do Brasil.

Bresser Pereira falou em nome da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Filipinas, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela. Estava sentado entre os representantes de Botswana e Burkina Faso quando foi chamado à tribuna, um minuto depois das 11 horas. Muita gente começou a entrar no salão para ouvi-lo, mas ele não lotou nem para o secretário do Tesouro James Baker, que falou em seguida, às 11h17 (ver página ao lado).

Para o ministro Bresser Pereira, “os fatos demonstram claramente que a estratégia adotada desde a eclosão da crise externa fracassou. Essa estratégia meramente evitou

uma crise ainda maior no sistema financeiro internacional, adiando, perigosamente, uma solução definitiva”. Antes de chegar neste ponto, onde ataca o “Plano Baker” sem mencioná-lo diretamente, porque nem o precisaria, sendo a óbvia estratégia adotada desde a última reunião do FMI/Banco Mundial em Seul, há dois anos, ele repassa os motivos do seu fracasso, lembrando

que, “infelizmente, apenas o ajustamento nos países devedores ocorreu”, enquanto que outras duas premissas, não — o crescimento das economias industrializadas e um financiamento externo adequado, que caiu de US\$ 30 bilhões por ano, no período entre 1979-82, para uma média anual de US\$ 6 bilhões nos últimos quatro anos.

“Para os países em desenvolvi-

mento a estratégia representou estagnação e inflação, para os países industrializados perda de exportações. Somente os bancos credores saíram fortalecidos, reduzindo sua **exposure** com os países altamente endividados. Mas mesmo para eles a situação começou a deteriorar-se quando a comunidade financeira percebeu que a estratégia para a dívida havia fracassado, que todos os coeficientes de endividamento haviam-se deteriorado e que, conseqüentemente, a capacidade de pagamento dos países devedores havia diminuído ao invés de aumentar. O surgimento de um desconto cada vez maior no mercado secundário e a desvalorização das ações dos bancos, proporcionalmente à sua **exposure** com os países altamente endividados, foi o resultado desta constatação realista”, disse o ministro Bresser Pereira, lendo seu discurso de 17 laudas, em inglês.

O ministro Bresser Pereira ainda falou do G-3 (ver abaixo) e do fim do Plano Cruzado, que provocou “elevadas taxas de inflação, recessão, a insolvência de um grande número de firmas, o desequilíbrio do balanço de pagamentos e uma moratória dos pagamentos de juros sobre as dívidas de médio e longo prazos com os bancos privados”, mas acrescentando que “em grande parte, a crise já está superada”.

MISTÉRIO

O final da fala de Bresser foi misterioso até para os jornalistas brasileiros. Ele afirmou que “seria um equívoco” imaginar que é a atividade de alguns poucos radicais no Brasil que impede nossa plena reintegração no sistema econômico internacional. “Esses elementos não têm peso suficiente”, disse. Para ele, o grande obstáculo à reintegração é a “dívida excessivamente grande e a pouca imaginação e ousadia com que os credores têm procurado resolvê-la”.

Que radicais, sr. ministro?, a imprensa perguntou-lhe a seguir. — São esses mesmos... fica a seu critério. Radicais de esquerda ou de direita. Fica a seu critério. São muito poucos... E o ministro mudou, rapidamente, de assunto.



Bresser: só houve ajustamento nos países devedores